



NARRATIVA DE VIAGEM E CONSCIENCILOGIA NO PROCESSO DE AFETIVAÇÃO NO TURISMO

Travel narrative and Conscientiology in the process of affectivation in Tourism

Narrativa de viaje y Conscienciología en el proceso de afectivación en el Turismo

Simone Maria Sandi¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6265-4470>

E-mail: smsandi@gmail.com

Maria Luiza Cardinale Baptista²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7096-1160>

E-mail: maluluizacardinalebaptista@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar narrativas de viagem produzidas a partir do pressuposto epistemológico da Conscienciologia, com foco no processo de afetivação no turismo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, orientada pela estratégia metodológica Cartografia dos Saberes. Em termos teóricos, a pesquisa se fundamenta em estudos do Turismo, de Subjetividade, Comunicação e Narrativas, mais especificamente. A investigação envolve a produção de narrativas, a partir de experiências vividas, considerando a implicação do sujeito pesquisador e o exercício da reflexividade na análise dos dados. Como resultados, percebem-se aspectos relacionados à afetivação e “com-versação” com pessoas e lugares, articulados a uma predisposição à paz interior, em um contexto de lazer e encontro com o ‘outro’. O estudo contribui para a compreensão do turismo como experiência relacional e comunicacional, na qual os encontros e as vivências operam como dispositivos de transformação e autoconhecimento.

Palavras-chave: turismo; autopesquisa; afetivações.

¹ Universidade de Caxias do Sul (UCS). Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

² Universidade de Caxias do Sul (UCS). Caxias do Sul, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.



Abstract: This study aims to present travel narratives produced from the epistemological perspective of Conscientiology, focusing on the process of affectivation in tourism. It is a qualitative, exploratory research study, guided by the methodological strategy known as Cartography of Knowledge. In theoretical terms, the research is based on studies of Tourism, Subjectivity, Communication, and Narratives, more specifically. The investigation involves the production of narratives from lived experiences, considering the implication of the investigating subject and the exercise of reflexivity in data analysis. The results reveal aspects related to affectivation and "con-versation" with people and places, articulated with a predisposition to inner peace, in a context of leisure and encounter with the 'other'. The study contributes to understanding tourism as a relational and communicational experience, in which encounters and lived experiences operate as devices for transformation and self-knowledge.

Keywords: tourism; self-research; affectivations.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo presentar narrativas de viaje producidas a partir de supuesto epistemológico de la Conscienciología, con foco en el proceso de afectivación en el turismo. Se trata de una investigación cualitativa de carácter exploratorio, orientada por la estrategia metodológica Cartografía de los Saberes. In términos teóricos, la investigación se fundamenta en estudios del Turismo, la Subjetividad, la Comunicación y Narrativas, más específicamente. La investigación implica la producción de narrativas a partir de experiencias vividas, considerando la implicación del sujeto investigador y el ejercicio de la reflexividad en el análisis de los datos. Como resultados, se perciben aspectos relacionados con la afectivación y la "con-versación" con personas y lugares, articulados con una predisposición hacia la paz interior, en un contexto de ocio y encuentro con el "otro". El estudio contribuye a la comprensión del turismo como una experiencia relacional y comunicacional, en la cual los encuentros y las vivencias operan como dispositivos de transformación y autoconocimiento.

Palabras clave: turismo; autoinvestigación; afectivaciones.



1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa envolve reflexões sobre a comunicação como fenômeno que atravessa fronteiras físicas, culturais e simbólicas, conectando territórios, pessoas e culturas, de forma dinâmica. A experiência turística, entendida aqui como desterritorialização e mobilização de afetos, evidencia como a comunicação se manifesta não apenas através de palavras ou mídias, mas também por gestos, olhares, narrativas e registros sensoriais. Nesse sentido, a viagem torna-se um espaço de encontros e trocas interculturais, revelando as possibilidades e os limites da comunicação em contextos globalizados, bem como as micro desigualdades e exclusões que emergem nas interações cotidianas.

O presente artigo corresponde ao relato parcial da pesquisa, que está sendo desenvolvida em nível de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS). O objetivo deste texto é apresentar uma narrativa de viagem, considerando o pressuposto epistemológico da Conscienciologia, com foco no processo de afetivação no turismo. A viagem, realizada em maio de 2025, teve como motivação a participação de uma das autoras na equipe organizadora de um evento da Conscienciologia. O evento, com duração de três dias e voltado ao tema da paz, foi seguido por 17 dias de deslocamentos por cidades de Portugal e Espanha, na companhia de três amigas, igualmente interessadas no estudo da paz interior.

A Conscienciologia, ciência proposta por Waldo Vieira, em 1981, e consolidada em 1986, dedica-se ao estudo da consciência (entendida como alma, *self* ou essência), constituindo a base epistêmica que orienta esta narrativa. Essa abordagem propõe a autopesquisa, sustentada em orientações como o uso das bioenergias e a projeção da consciência, fenômeno que possibilita a autocomprovação da existência de múltiplos corpos e dimensões, ampliando a percepção da realidade multiexistencial (Vieira, 2012). Nessa perspectiva, as afetivações emergem da compatibilidade energética e das marcas impressas por rastros de outras existências, além da disposição de corpo e espírito, conforme apontado por Sodré (2016); o corpo vibrátil, de Rolnik (1989); e ações que geram afetos, descritas por Baptista (2019).

Como estratégia metodológica, adotou-se a Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014; Baptista; Eme, 2023). Conforme essa estratégia, o pesquisador constrói progressivamente seu foco investigativo, a partir de cinco trilhas interconectadas: Trama dos “Entrelaços-Nós da Pesquisa”, Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, Trama dos Fazeres ou Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

Vale destacar, aqui, o que observa Urry (2001, p. 17), quando afirma que, ao nos afastarmos da rotina, “[...] nossos sentidos se abrem para um conjunto de estímulos que contrastam com o cotidiano e o mundano”. Cada destino turístico carrega histórias, crenças e energias próprias, que podem ou não ser compatíveis com as do viajante. Deixamos, assim, rastros energéticos nos espaços que percorremos, e essas marcas, possivelmente originadas em vidas anteriores, influenciam as experiências de acolhimento, sentimentos de paz ou desconforto vivenciados.



Sob essa ótica, a viagem a Portugal e Espanha foi conduzida com o propósito de observar o próprio comportamento, as atitudes e os estados de humor, nas interações com novos lugares e pessoas – sem, contudo, perder de vista o prazer de desfrutar a viagem e seus encontros.

Considerando que as autoras se constituem simultaneamente como pesquisadoras e sujeitos da experiência, adota-se o princípio da reflexividade, compreendido como o exercício de análise crítica da própria implicação no campo investigado. Tal posicionamento busca minimizar vieses interpretativos e explicitar os atravessamentos subjetivos presentes na construção dos dados.

2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA CARTOGRAFIA DOS SABERES

A pesquisa adota uma perspectiva holística (Crema, 1989) e de complexidade (Morin, 2001; Capra, 1997). Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, ancorada na experiência vivida e na produção de narrativas. A Cartografia dos Saberes é central como estratégia de orientação para a investigação, que tem como pressuposto a ideia de ‘viagem investigativa’, também proposta por Baptista. Essa estratégia é associada à das Matrizes Rizomáticas, que sistematizam a organização e análise do percurso investigativo. A abordagem privilegia a articulação entre experiência, teoria e interpretação, buscando conferir rigor à análise, por meio da explicitação dos procedimentos adotados.

A estratégia metodológica Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014) e atualizada por Baptista e Eme (2023), orienta o pesquisador em um processo de acesso, costura e produção de conhecimento, a partir de cinco trilhas investigativas, que se entrelaçam e se retroalimentam ao longo da pesquisa.

- a) Trama dos “Entrelaços-Nós da Pesquisa”: corresponde à definição das palavras que se entrecruzam e se destacam no percurso investigativo, funcionando como sinalizadores do texto, ou palavras-chave. Neste artigo, os principais entrelaços-nós, em ordem de ocorrência, são: Conscienciologia, autopesquisa, turismo, afetivações e narrativas.
- b) Trama dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva: contempla as vivências pessoais nos destinos visitados, a atenção às afetivações e a busca da paz interior. O arcabouço teórico e vivencial de uma das autoras, na condição de professora de Conscienciologia, contribuiu para a acuidade perceptiva nos locais visitados. Além disso, os anos de experiência vividos na Europa e nos Estados Unidos favoreceram o desenvolvimento de uma postura de flexibilidade, adaptação e abertura, que enriqueceu significativamente a experiência de viagem.
- c) Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica: reúne as linhas de teóricas e os autores que sustentam e dialogam com a proposta da pesquisa. Entre os principais referenciais, destacam-se: Vieira (2009; 2012), na fundamentação da Conscienciologia; Pigozzo (2023) e Zaslavsky (2024), no campo da autopesquisa; Baptista (2019), Barretto



(2004) e Urry (2001), nos estudos sobre turismo; Baptista (2019), Rolnik (1989) e Sodré (2016), nas reflexões sobre afetivação; e Medina (2003) e Soster (2019), na abordagem sobre narrativas.

- d) Trama dos Fazeres ou Usina de Produção: envolve as ações investigativas e o registro das percepções *in loco*. A produção da pesquisa foi se constituindo durante a própria viagem, à medida que as tramas se manifestavam e se transversalizavam uma com a outra. Em trajetos de ônibus ou momentos de descanso, eram feitos registros, principalmente em áudio. Os registros foram posteriormente, revisitados e analisados, conforme referencial teórico adotado e as percepções vivenciadas *in loco*. Esse tipo de viagem tende a ser fisicamente, emocionalmente e mentalmente exigente, em função das múltiplas interações – tanto com as companheiras de viagem quanto com as novas informações assimiladas. Por essa razão, o registro fotográfico foi constante, servindo como memória dos detalhes da experiência.
- e) Dimensão Intuitiva da Pesquisa: manifesta-se por meio de insights, sincronicidades e conversas informais, nas quais o pesquisador se coloca como parte do próprio experimento, abrindo suas faculdades perceptivas para captar a qualidade dos afetos vivenciados com pessoas e lugares. Diversos encontros, de naturezas distintas, proporcionaram novas percepções e informações. Paralelamente à viagem por Portugal e Espanha, as autoras – uma na condição de docente e outra como aluna – participaram da disciplina *Com-versações Internacionais*, do PPGTURH, na qual os participantes e convidados compartilharam suas percepções sobre os destinos visitados. Além disso, as autoras integram o Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, espaço de troca e reflexão em que os integrantes conversam suas experiências e avanços de pesquisa. Detalhe, para o fato de que as ‘com-versações’ Amorcomtur são consideradas dispositivo de pesquisa, tendo com base os estudos de Baptista e Maturana, compreendendo-se que o próprio ato de conversar remete, em sua origem etimológica (*cum + versare*), à ideia de “dar voltas com o outro” (Maturana, 1988).

3 O QUE É CONSCIENCILOGIA?

A Conscienciologia tem como foco central o estudo da consciência em toda a sua complexidade, abrangendo inclusive os fenômenos subjetivos, de modo abrangente ou analítico (Vieira, 2009). Trata-se de estudos voltados à própria consciência (*self* ou alma) de modo integral, considerando a existência de múltiplos corpos para a sua manifestação em diversas dimensões, bem como as bioenergias e a serialidade de vidas.

O proponente dessa abordagem, o médico e odontólogo Waldo Vieira, sistematizou seus fundamentos em 1986, com a publicação do tratado *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*. Nessa obra, ele afirma:



A Conscienciologia coloca sob escrutínio científico todas as características e possibilidades da consciência, o que inclui essencialmente os atributos íntimos do ego, seus veículos de manifestação e, por fim, suas consequências existenciais, evolutivas e multidimensionais (Vieira, 2009, p. 34).

A sede principal da Conscienciologia localiza-se em Foz do Iguaçu (PR). Atualmente, existem 30 instituições conscienciocêntricas, cada uma dedicada ao estudo da consciência sob um enfoque específico, mas todas assentadas no paradigma consciencial, de caráter autopesquisístico. Os fundamentos essenciais deste paradigma – holossoma, multidimensionalidade, multiexistencialidade, bioenergias, cosmoética, universalismo e autopesquisa – constituem o alicerce epistemológico e servem como lentes interpretativas que auxiliam o pesquisador na compreensão de si mesmo.

A seguir, uma breve descrição de cada um desses fundamentos (entre parênteses, os neologismos do vocabulário conscienciológico):

- a) Holossoma (*holo* + *soma*, do grego “conjunto de corpos”): refere-se ao entendimento de que a consciência (o *self* ou a alma) se manifesta por meio de mais de um corpo: o físico (*soma*), o energético (*energossoma*), o emocional (*psicossoma*) e o mental (*mentalsoma*). A existência desses corpos pode ser autocomprovada pela projeção da consciência, também conhecida como projeção astral. Segundo Vieira (2009, p. 239), “As projeções da consciência são justamente consequências da dissociação desses corpos ou veículos associados, interatuantes, coincidentes, encaixados, justaponíveis, alinhados, interpenetrados ou coexistentes.”

A projeção ocorre naturalmente durante o sono, quando os corpos se descoincidem; o desafio é manter a lucidez projetiva e recordar a experiência ao despertar. A diferença entre projeção e sonho está no grau de racionalidade e discernimento do sujeito: na projeção, o protagonista pensa e age conscientemente; no sonho, não. Em 1981, Vieira relatou em obra própria 60 projeções lúcidas, ocorridas em um ano, descrevendo em detalhe as etapas preparatórias, o controle durante a vivência e as técnicas para otimizar a recordação posterior (Vieira, 2013).

Durante processos de desterritorialização, é comum surgir a sensação de já ter estado em determinado local. Essa percepção pode decorrer tanto de experiências projetivas anteriores quanto de vivências em outras existências.

- b) Multidimensionalidade: cada corpo se manifesta em uma dimensão distinta, o que também pode ser comprovado pela prática projetiva. A dimensão física é aquela em que os corpos físicos interagem; já as dimensões extrafísicas variam conforme a frequência dos pensamentos, sentimentos e energias (*pensenes*) do indivíduo. Nelas, os corpos são mais sutis e, portanto, invisíveis aos sentidos físicos. Sobre esse assunto, Vieira (2012, p. 79) esclarece: “A lucidez quanto à multidimensionalidade traz a responsabilidade da descoberta da cosmoética.” Com base na visão multidimensional, compreende-se que os lugares visitados



também abrigam consciências “invisíveis”, capazes de influenciar ambientes e pessoas, por meio dos *pensenes*. Por isso, o autoconhecimento é essencial para discernir o que é próprio e o que é influência externa.

- c) **Multiexistencialidade:** a projeção da consciência lúcida possibilita o acesso a vidas passadas. Segundo Vieira (2009), as séries de existências configuram um processo evolutivo contínuo, em que a consciência alterna experiências intra e extrafísicas, até alcançar a libertação dos renascimentos compulsórios. Dessa forma, as marcas deixadas em lugares e pessoas podem ser revisitadas em novas vidas, explicando a sensação de familiaridade, bem-estar ou desconforto em determinados ambientes
- d) **Bioenergias:** tudo o que não é consciência é energia. Nossas percepções e sensações estão intrinsecamente ligadas às bioenergias – tanto nas manifestações evidentes, captadas pelos sentidos físicos, quanto nas sutis, percebidas por sensações e intuições. Assim, pode-se estar em um local bonito e agradável, mas sentir vontade de sair; ou conversar com alguém simpático e articulado, mas desejar encerrar o diálogo – sinais de incompatibilidade energética. Como os *pensenes* deixam impressões energéticas, nos ambientes e pessoas, cada interação gera acoplamentos áuricos, ou seja, trocas energéticas temporárias. Vieira (2009, p. 681) define: “Acoplamento áurico: desenvolvimento de empatia, interfusão e junção temporária das auras energéticas de duas ou mais consciências.” É nesse contexto que se manifestam as afetivações – o afetar e o ser afetado –, tema que será aprofundado no próximo item.
- e) **Cosmoética:** alguns podem supor que, na projeção da consciência, a liberdade de ação é ilimitada. Vieira esclarece, no entanto, que há consciências amparadoras que monitoram essas atividades, podendo restringir projeções, caso não sejam cosmoéticas. A cosmoética é uma ética universal, que transcende os códigos morais humanos e se estende às relações com outras dimensões. Vieira (2009, p. 352) a define como: “conjunto das normas universais, intra e extrafísicas, abrangentes, além dos princípios da moral social, dos eufemismos, convenções sociais, leis e rótulos humanos transitórios.”
- f) **Universalismo:** esse fundamento refere-se à ausência de preconceitos de qualquer natureza – sejam étnicos, culturais, intelectuais ou ideológicos. Vieira (2009, p. 360) define:

Universalismo: conjunto de ideias derivadas da universalidade das leis básicas da Natureza e do Universo e que se tornará, através do tempo, ou seja, da evolução natural da consciência, inevitavelmente, a filosofia dominante da espécie humana e de todos os seres do Cosmos; identificação autolúcida da consciência com a comunidade, o Estado, o Planeta, o Cosmos ou o Universo enfim.



Cada existência física (ressoma) representa uma oportunidade de aprendizado e reconciliação. Assim, ao revisitarmos certos destinos turísticos, podemos vivenciar tanto a alegria do reencontro quanto o desconforto do antagonismo – reflexos de vínculos pretéritos.

- g) Autopesquisa: voluntários e simpatizantes da Conscienciologia são incentivados a compreender o paradigma consciencial, por meio da autopesquisa, autoexperimentação e reciclagem intraconsciencial. Segundo Zaslavsky (2024, p. 91), autoexperimentação é “o processo, estratégia, lógica, organização e composição metódica de autotestes experienciais, de modo exploratório ou dirigido, visando à obtenção de conhecimentos.”

A autopesquisa implica observar, analisar e avaliar, de modo rigoroso, os próprios pensamentos, sentimentos e energias (pensenes) e suas repercussões, com o propósito de acelerar a maturidade consciencial. Pigozzo (2023) complementa que a vivência cotidiana constitui um espaço permanente de oportunidades para o autoconhecimento e a autossuperação.

Nesse sentido, os destinos turísticos configuram-se como campos férteis para encontros, desencontros e autoenfrentamentos”.

Além dos sete fundamentos, destaca-se o Princípio da Descrença, segundo o qual tudo o que é dito, escrito ou ensinado, no âmbito conscienciológico, deve ser submetido à experimentação pessoal. Em outras palavras: *não acredite em nada do que está escrito aqui; experimente e tenha suas experiências pessoais* (Vieira, 2009).

Por fim, os pesquisadores conscienciológicos reconhecem o conceito de Verdade Relativa de Ponta (verpon), compreendendo que, como em toda abordagem científica, o conhecimento está em constante transformação e está sempre sujeito a revisões à luz de novas comprovações.

4 DESTERRITORIALIZAÇÃO E TURISMO

Comumente, o turismo é compreendido como o ato de viajar, sair de casa, visitar lugares – de preferência novos –, com estadas, passeios e experiências gastronômicas envolvidas. Nesta pesquisa, contudo, o turismo é entendido como a ação de romper com a rotina, não necessariamente implicando deslocamento geográfico, mas uma abertura ao lazer, à aprendizagem e à ampliação da consciência. Esse movimento de afastamento do habitual configura um processo de desterritorialização – o ato de sair do território conhecido para se abrir ao inédito. Guattari e Rolnik (1986, p. 323) afirmam que:



O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios "originais" se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquímicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais.

Sob essa perspectiva, Baptista (2019) propõe o conceito de turismo-trama, compreendendo o turismo como um universo de múltiplos entrelaçamentos que se ativam simultaneamente. A autora identifica no turismo processos complexos de desterritorializações desejantes, nos quais se entrelaçam diferentes ecossistemas. Segundo Baptista (2019, p. 70): "O sujeito que se desloca também é sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia movimentação e conexões de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo." Desse modo, o turista, ao se mover em direção ao novo, aciona múltiplas tramas para alcançar seu destino e, uma vez inserido nele, passa a integrar as tramas dos lugares e das pessoas que encontra.

Nessa mesma linha, Baptista (2019) amplia o conceito de turismo-trama, ao incorporar, além das dimensões políticas, econômicas e sociais, as dimensões afetivas. Assim, o turismo envolve não apenas o deslocamento espacial, mas um processo de transformação – tanto do sujeito quanto dos ecossistemas com os quais interage. Nessa perspectiva, o turismo é concebido como um fenômeno dinâmico e relacional, capaz de mobilizar redes complexas de relações, espaços, culturas e afetos.

As reflexões conduzidas pelo grupo de pesquisa Amorcomtur! – Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, do qual as autoras fazem parte, fortalecem essa visão ecossistêmica e complexa do turismo. O grupo propõe uma abordagem holística e interconectada, em que o turismo é compreendido não apenas como prática econômica ou de lazer, mas como uma experiência de conexão, aprendizagem e afetivação entre sujeitos e territórios.

No próximo item, serão apresentadas as narrativas de viagem e as afetivações interpretadas na autopesquisa de uma das autoras. Diferentemente da concepção de turismo descrita por Urry (2001), a viagem em questão não teve como foco o consumo de lugares promovidos pela mídia nem o registro fotográfico para exposição em redes sociais. O propósito foi o autoconhecimento e a autopesquisa por meio da vivência. Ainda assim, muitas fotografias foram realizadas com o intuito de registrar e narrar a experiência, conforme observa Urry (2001, p. 186): "A fotografia parece ser um meio de transcrever a realidade".



5 AFETIVAÇÕES E NARRATIVAS DA VIAGEM SOB O VIÉS DA AUTOPESQUISA

Como mencionado anteriormente, nas interações energéticas entre pessoas e ambientes ocorre a afetivação – termo derivado de *affectio*, compreendido por Sodré (2016) como o estado do corpo afetado pela presença do outro, ou seja, a capacidade de afetar e ser afetado. Assim, a afetivação constitui um processo de abertura ao encontro e à transformação recíproca.

Rolnik (1989, p. 95) observa que os sujeitos são “expostos a encontros aleatórios, a afetar e serem afetados de todos os lados e de todas as maneiras: a se desterritorializarem”. A autora convida o leitor a descobrir aquilo que desperta o seu corpo vibrátil, o que pode atuar como um fator de a(fe)tivação da existência – inclusive em ações simples, como uma caminhada. O destaque no “fe” enfatiza a dimensão ativa e transformadora do afeto.

Na mesma direção, Baptista (2019) propõe compreender a afetivação como ação que gera afetos, afetiv(ação), dialogando com Maturana (2002), em que ressalta a importância da amorosidade e da aceitação do outro como legítimo outro na convivência. Nesse contexto, o autoconhecimento torna-se essencial, pois o respeito genuíno ao outro nasce do autorrespeito.

Para expressar a afetivação nos encontros turísticos e nas relações com os ambientes visitados, o viajante precisa narrar os detalhes das experiências vividas – os lugares, as trocas de olhares, os gestos, as sensações. Segundo Medina (2003), a narrativa cativa pela sua forma acessível e promove identificação no ouvinte ou leitor. Nesta pesquisa, as narrativas foram registradas principalmente por meio de áudios gravados no celular, durante os trajetos de ônibus ou caminhadas, além de fotografias e vídeos, que capturaram sons, movimentos e emoções.

Os registros visuais transformam fenômenos naturais em fenômenos midiáticos, carregando o olhar e a intenção de quem os captura e atuando como extensões narrativas das experiências (Soster, 2019). De modo complementar, Urry (2001) destaca que fotografias organizam nossas recordações enquanto turistas, estruturando experiências, por meio das imagens e dos textos que produzimos ao compartilhá-las. Assim, ambos os autores ressaltam que imagens e registros não apenas documentam vivências, mas atuam como mediadores da memória, da narrativa e da comunicação. Constituem-se, desse modo, como artefatos comunicacionais que organizam, produzem e fazem circular sentidos sobre a experiência vivenciada.

A narrativa de viagem apresentada neste artigo refere-se à experiência realizada em maio de 2025, em Portugal e Espanha, motivada pela participação de uma das autoras em um evento conscienciológico voltado à promoção da paz, ocorrido em Vila Nova de Cerveira, no norte de Portugal. O encontro, promovido por duas instituições da Conscienciolgia, teve como propósito refletir sobre a possibilidade de contribuir para a paz planetária a partir da autopacificação.

A doutoranda, na condição de voluntária e docente da Conscienciolgia desde 2011, tem investido na investigação de traços agressivos e não pacíficos, tendo publicado suas superações e técnicas desenvolvidas para o aprimoramento desses aspectos. Em uma dessas publicações, apresenta a técnica do 1%, que consiste em



assumir, a priori, pelo menos 1% de responsabilidade em qualquer conflito, estratégia que auxilia na desconexão da energia de indignação direcionada ao outro (Sandi, 2024).

Após os três dias de evento, a doutoranda, acompanhada de três amigas igualmente interessadas em autopesquisa e pacificação interior, seguiu viagem por diversas cidades portuguesas e espanholas, buscando, a partir das afetivações e do paradigma consciencial, ampliar o autoconhecimento e promover mudanças intraconscienciais.

Vila Nova de Cerveira

Além de sediar o evento, Vila Nova de Cerveira integra o Caminho de Santiago de Compostela; e por isso, havia ali muitos peregrinos caminhando com mochilas, imersos em suas próprias reflexões. O nosso grupo hospedou-se em um hostel utilizado por esses viajantes, o que reforçou a atmosfera de interiorização e serenidade. A cidade, banhada por um rio e rodeada de árvores, oferecia um cenário ideal para a contemplação e o recolhimento.

Essa ambiência pode ser interpretada como um campo favorável à interiorização e à autopercepção, no qual a afetivação se manifesta de forma mais sutil, evidenciando a relação entre espaço, estado emocional e abertura à experiência.

Porto, Lisboa e Sevilha

Após o evento, o grupo seguiu para o Porto e, de lá, para Lisboa e Sevilha. Um imprevisto com a falta da carteira de motorista impressa alterou o plano inicial de alugar um carro, levando-as a viajar de ônibus. A mudança de planos gerou certo desconforto, mas também se mostrou uma oportunidade de aprendizado coletivo, exigindo paciência, bom humor e empatia. Em Sevilha, outro atraso, desta vez do ônibus turístico, testando a paciência do grupo. Na sequência, observação da cidade e vivência do show de flamenco, marcado pela intensidade emocional da apresentação, foram marcas positivas.

Os imprevistos vivenciados evidenciam como situações de ruptura de expectativa operam como gatilhos analíticos, permitindo observar, sob uma perspectiva reflexiva, os modos de reação, negociação e adaptação do grupo.

Granada e Málaga

De Sevilha a Granada, a viagem foi agraciada por um pôr do sol deslumbrante, capaz de dissolver o cansaço e eventuais tensões. Em Granada, as viajantes foram surpreendidas por chuvas de granizo incomuns para a época; porém, no dia seguinte, o tempo estava maravilhoso, tornando a visita à Alhambra memorável.

Em Málaga, entretanto, ocorreram pequenos desencontros: o grupo se separou dentro de um castelo, por falhas de comunicação no aplicativo de mensagens. A situação gerou tensão, mas também reflexão sobre a importância da escuta, da calma e da cooperação. Curiosamente, o episódio terminou com leveza, quando uma



fotógrafa local registrou o grupo e publicou a imagem como *souvenir*, provocando risos e desfazendo o clima tenso.

Tais episódios revelam a importância da comunicação interpessoal e da escuta ativa, como elementos centrais na construção da experiência turística, especialmente em contextos de deslocamento e incerteza.

Coimbra e Sintra e Évora

Em Coimbra, o grupo enfrentou o desafio de subir escadas estreitas e íngremes até o apartamento reservado, o que gerou desconforto em algumas integrantes. Embora frustrante e desafiador, o episódio não abalou a amizade nem o entusiasmo da viagem.

Em Sintra, a imponência dos castelos e o tamanho da cidade contrastou com os desencontros nos trajetos, levando à reflexão sobre sincronidades e aprendizados decorrentes dos imprevistos. Já em Évora, a visita aos megalíticos em Cromeleque dos Almendres foi um dos momentos mais marcantes: o local, cercado por natureza bem cuidada, proporcionou profunda sensação de harmonia e conexão interior.

As situações descritas permitem compreender como o desconforto e o imprevisto também operam como dispositivos de aprendizagem, ativando processos reflexivos sobre convivência e flexibilidade.

Lisboa e Porto

A etapa final da viagem contemplou a visita às cidades portuguesas que, inicialmente, haviam servido apenas como pontos de passagem. Em Lisboa, a experiência foi marcada pelo reencontro com uma amiga não vista há mais de quinze anos, que se revelou uma anfitriã excepcional. Ela conduziu a viajante, tanto pela parte antiga da cidade, repleta de memórias arquitetônicas e paisagens históricas, quanto pela área moderna, onde se destaca o Oceanário de Lisboa. Foi também a oportunidade de experimentar o tradicional pastel de Belém, em seu local de origem, acrescentando sabor e simbolismo à visita.

Já no Porto, o pôr do sol proporcionou um dos momentos mais memoráveis da viagem: o brilho dourado refletido nos edifícios, observado a partir da região da ponte, conferiu ao cenário uma atmosfera quase ficcional. Nessa cidade, somou-se à vivência sensorial a degustação do bolinho de bacalhau, reforçando a conexão afetiva com a culinária local.

Ao final das três semanas, a jornada, com suas surpresas agradáveis e desafios, revelou-se um exercício da autopacificação. Cada cidade, encontro e contratempo funcionou como laboratório consciencial, favorecendo reflexões sobre convivência, paciência, empatia e resiliência. O exercício da afetivação, aliado ao propósito de observar a si mesmo nas interações e emoções, transformou a viagem em uma verdadeira trama de autoconhecimento, relacionada ao estado de paz interior. Esses momentos reforçam o papel das experiências sensoriais e afetivas, na constituição das narrativas de viagem, evidenciando sua dimensão comunicacional e simbólica.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da investigação, observou-se que os humores das viajantes variaram em função das demandas do corpo físico – sono, alimentação, cansaço e dores decorrentes de longas caminhadas – e das energias assimiladas dos locais visitados, das interações interpessoais desajeitadas e da presença em ambientes superlotados. As emoções suscitadas pelos destinos turísticos provocaram, em alguns momentos, divergências quanto ao que fazer ou visitar. Ainda assim, a predisposição para manter a harmonia grupal mostrou-se essencial na gestão coletiva de imprevistos e na ressignificação de experiências menos agradáveis.

A análise das afetivações e das narrativas de viagem evidencia que a comunicação é intrinsecamente vinculada à experiência do território e da cultura. Ao atravessar fronteiras físicas e simbólicas, os viajantes participam de uma complexa rede de trocas, em que encontros, desencontros e afetos são mobilizados simultaneamente. Esse estudo demonstra que a comunicação global ultrapassa os instrumentos tecnológicos e as redes sociais, manifestando-se nas interações humanas e na construção de sentidos nos territórios visitados. Aponta, ainda, para diferenças sutis na forma como experiências e significados são compartilhados, percebidos e valorizados.

A pesquisa aqui apresentada propôs refletir sobre o turismo como processo de desterritorialização, afetivação e autopesquisa, articulando vivência, teoria e narrativa. Ao adotar o paradigma consciencial como base epistemológica e a Cartografia dos Saberes como estratégia metodológica, buscou-se compreender a viagem não apenas como deslocamento físico, mas como movimento de aprendizagem e amadurecimento consciencial.

Sob essa perspectiva, o turismo deixa de ser entendido como prática de lazer ou consumo para assumir o caráter de laboratório existencial, no qual cada encontro, paisagem e imprevisto se convertem em oportunidades de aprendizado e expansão perceptiva. Viajar revela-se, assim, uma forma de autopesquisa em trânsito, na qual as experiências externas funcionam como espelhos das dinâmicas internas.

As desterritorializações vividas, geográficas, emocionais e conscienciais, possibilitaram o rompimento de padrões e o exercício da abertura ao novo. Tais movimentos exigiram flexibilidade, acolhimento das diferenças e observação atenta das próprias reações. Cada cidade visitada, cada interação e cada contratempo foram fatores que se interligaram em tramas de afeto, energia e sentido, que possibilitaram compor, assim, uma narrativa viva do processo investigativo.

As afetivações manifestaram-se nas trocas energéticas com pessoas, lugares e situações, revelando a potência dos encontros e a força das emoções sutis. Conforme propõem Sodré (2016), Rolnik (1989) e Baptista (2019), afetar é tanto sensibilizar-se quanto agir a partir desse sentir. Nesse sentido, registros em áudio, fotografias e anotações transformaram percepções em narrativas, capazes de dar corpo e voz à experiência.

Ao longo da viagem, observou-se que a prática da autopesquisa consciencial ampliou a capacidade de auto-observação e autopacificação. Situações adversas, analisadas sob o olhar do paradigma consciencial, converteram-se



em oportunidades de exercitar a cosmoética, o universalismo e a compreensão multidimensional das relações. Desse modo, a jornada materializou o princípio conscienciológico da verdade relativa de ponta (verpon), reconhecendo que o conhecimento é transitório e se renova a cada vivência lúcida.

Os relatos apresentados não pretendem oferecer conclusões definitivas, mas inspirar novas formas de compreender o turismo e o ato de viajar. Viajar, sob essa ótica, é colocar-se, plenamente, em movimento, permitir-se afetar e afetar o outro, reconhecendo-se como parte de uma rede viva de consciências e energias que se entrelaçam no tempo e no espaço.

Como limitação do estudo, reconhece-se o caráter situado e subjetivo da experiência analisada, diretamente vinculada à trajetória e às percepções da pesquisadora. Entende-se, no entanto, que essa implicação, quando explicitada e trabalhada reflexivamente, não fragiliza a pesquisa, mas constitui parte de sua potência analítica, no campo das abordagens qualitativas.

Por fim, reafirma-se o princípio da descrença, fundamento essencial da Conscienciológica: não acredite em nada, nem mesmo no que está escrito aqui, experimente, vivencie e tire suas próprias conclusões. Apesar disso, o convite que esta pesquisa deixa é o de olhar para cada viagem, externa ou interna, como oportunidade de reconexão consigo mesmo, de autoconhecimento e de contribuição para a paz planetária, por meio da construção contínua da paz interior.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Afetivações, amorosidade e autopoiese: sinalizadores para narrativas sensíveis de destinos turísticos, em perspectiva ecossistêmica. *In*: SOSTER, Demétrio Azeredo; PICCININ, Fabiana (orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: sujeitos, corpos e lugares**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019. p. 59-78.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em turismo: proposições metodológicas para uma ciência em mutação. **Rosa dos ventos**, Caxias do Sul, v. 6, n. 3, p. 342-355, 2014. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647>. Acesso em: 01 out. 2025.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; EME, Jennifer Bauer. Estratégias de 'sobre-vivência' metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, p. e023042, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18206/16094>. Acesso em: 01 out. 2025.



BARRETTO, Margarita. Produção científica na área do turismo. *In*: MOESCH, Marutschka; GASTAL, Susana (orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 83-88.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. São Paulo: Summus, 1989.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATURANA, H. R. Ontología del conversar. **Revista Terapia Psicológica**, Santiago de Chile, v. 7, n 10, 1988.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PIGOZZO, Elizabeth. Vivência cotidiana autopesquisística. Verbetes N. 4.393, 13.02.2018. *In*: VIEIRA, Waldo. **Enciclopédia da Conscienciologia**. Foz do Iguaçu: Encyclossapiens & Editares, 2023. p. 34.139- 34.144. *E-book*. Disponível em: <https://encyclossapiens.space/ec/ECDigital10.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANDI, Simone Maria. Construção do agente da paz. **Homo Projector**, Foz do Iguaçu, PR, v. 11, n. 1, p. 107-116, jan./jun., 2024. Disponível em: <https://homoprojector.iipc.org/index.php/homoprojector/article/view/361>. Acesso em: 01 out. 2025.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro; Mauad X, 2016.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O cicloturismo e a transformação por meio da mediatização das narrativas de bicicleta. *In*: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PASSOS, Matheus Yuri (orgs.). **NARRATIVAS DE VIAGEM**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019. p. 173-186. *E-book*. Disponível em: https://www.academia.edu/40831812/Narrativas_de_Viagem.



URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VIEIRA, Waldo. **Projeções da consciência**: diário de experiências fora do corpo físico Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2013.

VIEIRA, Waldo. **Projeciologia**: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. Foz do Iguaçu: Editares, 2009.

VIEIRA, Waldo. **O que é a Conscienciologia**. Foz do Iguaçu: associação internacional editares, 2012.

ZSLAVSKY, Alexandre. **Autoexperimentação conscienciológica**: método dos autotestes experienciais, pró-evolutivos e multidimensionais. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2024.

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

1) Simone Maria Sandi; 2) Maria Luiza Cardinale Baptista

Contribuição	Autor 1	Autor 2
1. Conceituação	X	
2. Curadoria de dados	X	
3. Análise formal		X
4. Obtenção de financiamento		
5. Investigação		
6. Metodologia	X	
7. Administração do projeto		
8. Recursos		
9. Software		
10. Supervisão		X
11. Validação		X
12. Visualização		
13. Redação (rascunho/original)	X	X
14. Escrita (revisão e edição)	X	X



DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "Narrativa de viagem e conscienciologia no processo de afetivação no turismo".

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

Revisado por: Maria Luiza Cardinale Baptista

E-mail: maluluizacardinalebaptista@gmail.com; malu@pazza.com.br